

14/10/2019

Tire seu sorriso do caminho que eu quero passear com a minha cor: turismo e a questão racial no Brasil (Parte III)

Thiago Sebastiano de Melo

[Docente de Turismo da Universidade Federal de Pelotas.
Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

**A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções / Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar / Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim**

Luiz Carlos Sá / Sérgio Magrão

Os documentos nacionais e internacionais que tratam do turismo enfatizam: comprometimento com as culturas locais, respeito aos territórios e às histórias dos povos, seres humanos vistos como plenos de direitos à integralidade de sua dignidade. O Código Mundial de Ética do Turismo e o Plano Nacional de Turismo são dois bons exemplos disso no âmbito internacional e nacional, respectivamente (a despeito de terem os ideais do livre mercado como pano de fundo - o que é assunto para outro momento). Em que pese os limites estruturais para que se garanta dignidade humana ao conjunto dos seres humanos numa sociedade guiada por interesses privados e conduzida para busca do lucro máximo, poderíamos supor, caso se tratasse apenas de boa vontade e empenho pessoal, que, à medida que determinados segmentos sociais alcançassem certo patamar de consumo/acumulação, seriam tratados como sujeitos dignos. Todavia, esta não é a realidade num país racista e violento que nunca se esforçou para passar a limpo seu passado escravagista e ditatorial. Esse subtexto, propositalmente silenciado e por muitos negado, conforma concepções de mundo míopes - como eu -, mas cujas lentes que permitem uma correção nunca são fornecidas.

O resultado é a [banalidade do mal](#), expressão cunhada por [Hannah Arendt](#). O mal envernizado pelas ações mais cotidianas, por quem não está nos holofotes e/ou nos locais de decisões. O que poderia se galvanizar num cenário como este? Valores humanistas? Valores religiosos? Valores científicos? Estes três eixos cruciais para a sociabilidade contemporânea se mesclam numa fusão cujos produtos têm colorações tão distintas entre si quanto seus alquimistas. Não basta a Declaração Universal dos Direitos Humanos dizer que somos todos sujeitos dignos e mercedores de tais direitos, ou que o cristianismo diga que somos feitos à imagem e semelhança do Senhor e devemos nos respeitar e amar indistintamente, ou ainda que a ciência prove a bestialidade das teorias eugenistas. Nada disso parece ser páreo para a força de narrativas que alcançam sujeitos perdidos, certos de que seu (re)encontro consigo mesmo e seu sentido existencial se constroem “em ato”, como diz [Maria Rita Kehl](#) num *insight* laciano.

Armados com suas narrativas, que ao invés de corrigir miopias a elevam exponencialmente, como no episódio “Engenharia reversa” da série [Black Mirror](#), multidões de sujeitos se deslocam entre as localidades (turísticas?) que são palcos de barbaridades. Ora sem qualquer afeto solidário, ora com o ímpeto de quem foi pessoalmente atingido. Poderia aqui arrolar um sem-número de episódios nos quais a vida animal foi sobreposta à vida humana, ou de comoções coletivas por vias animais, com direito a boicote, ou da displicência conveniente com que se tratam as geografias imaginárias, cuja segregação real estabelece os lugares para determinados corpos. Mas quero lhes deixar apenas com a forma melhor acabada dessa miopia social. O turismo como plataforma para o pior do racismo à brasileira, como diria [Martiniano J. Silva](#). Nos shoppings, templos do turismo (seguro? para quem?), corpos jovens negros são, mais do que na periferia, e sob os olhos justos de quem carrega os valores que alicerçam nossa sociedade, alvos da polícia. Nas fazendas de café paulista, a liberdade da população negra é apagada enquanto se fantasia para turistas a “fabulosa” vida da Sinhá com suas mucamas. E se está na moda ser Sinhá vez por outra, as socialites também querem, inclusive contando com a presença de importantes nomes nacionais de afirmação da cultura negra.

Já que brincar de apagar a história é turístico, por que não comemorar os 15 anos sendo servida por sujeitos que precisam encenar sua dor para viver? A pobreza é negra! Não preta: negra! Não desconheço nem desmereço o imbróglcio semântico que cerca a questão. Voltarei em outro texto. Nesse momento quero frisar que direta ou indiretamente as vidas negras sangram para que o turismo siga triunfante ao posto de principal atividade econômica até o final do século.

Veja o caso de um importante evento turístico:

[Na Vaquejada de Serrinha, uma das mais tradicionais da Bahia, enquanto vaqueiros concorriam a prêmios de até R\\$ 50 mil e Anitta e Luan Santana eram as principais atrações do evento, 17 funcionários responsáveis por cuidar dos animais trabalhavam em situação análoga à escravidão. Alguns dos trabalhadores dormiam em redes no curral, mesmo lugar onde se alimentavam, ao lado das fezes dos animais.](#)

O que nos escapa aqui são as diferentes dimensões pelas quais a existência negra é reduzida à mercadoria. O que representa a Anitta? O que representa a Bahia? Haverá chamamento nacional de boicote ao evento? As milhares de vidas negras ceifadas à luz do dia dizem que não. Estas questões, que têm força de síntese, exigem, para uma resposta que favoreça uma leitura nítida do atual estado das coisas, a aceitação de uma premissa: o turismo, ao repor os valores de troca sobre os valores de uso, opera como dispositivo de atualização da barbárie e da indignidade. A conclusão óbvia é que em tempos de negação da verdade, do império de fake news, de um descomprometimento ordinário com as grandes causas, de adocimentos desdobrados dos desencontros dos sujeitos consigo mesmo, podemos atualizar a letra que epigrafa esta fosforilação: seguimos por uma estrada na qual não será absurdo olhar para dentro e atestar “eu, turista em mim!”.

Chico Buarque já havia adiantado, quando quiseres dissimular “bate palma com vontade, faz de conta que é turista!” Pois bem, assim se tem feito. Até quando? ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.